



III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

A SOCIEDADE DE AMPARO AO ESTUDANTE DE REMÍGIO-PB E A NOVA EXPERIÊNCIA DE PRÁTICAS CULTURAIS E EDUCATIVAS NA CIDADE (1958-1964)

Tatiane Santos de Souza

Universidade Federal de Campina Grande

tattyane.ss@gmail.com

O interesse em pesquisar e estudar sobre a relação entre cidade e práticas culturais e educativas, volta-se pelo desejo de buscar conhecimento sobre algo que está no passado, que fez parte do desenvolvimento sociocultural de determinado lugar habitado, percorrendo caminhos que vão além do tempo, auxiliando na interpretação do que já foi vivido. Desse modo, a cidade que vive novas experiências de práticas culturais e educativas é Remígio, localizada no interior do estado da Paraíba¹⁸⁷. É um município que está inserido geograficamente na Microrregião do Curimataú Ocidental, pertencente à Mesorregião do Agreste Paraibano.

Esse estudo vem a contribuir para entender algumas normas e formas de vivência diante das práticas culturais estabelecidas na Sociedade de Amparo ao Estudante de Remígio – S.A.E.R.-, uma instituição filantrópica que surgiu a partir dos interesses que estavam voltados para a criação de uma sociedade que viesse amparar e ajudar aos estudantes de Remígio. Esse espaço surgiu na sociedade remigense para exercer atividades sociais e culturais, destinando-se às finalidades de cunho cultural, a exemplo de palestras, seminários, exposições de arte e outras do gênero.

Dialogamos com o campo temático da História Cultural, destacando os elementos culturais, sociais e educacionais, presente na sociedade em estudo. A História Cultural é um campo historiográfico que provocou um enriquecimento na área dos estudos históricos

¹⁸⁷ Distancia-se há 132 Km da capital João Pessoa e a 36 Km de Campina Grande, em um entroncamento rodoviário onde se encontram três rodovias e diversas estradas e rodagens. Ver. SERAFIM, Péricles Vitório. **Remígio Brejos e Carrascais**. Editora Universitária, 1992.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

a partir de novos objetos e novas perspectivas de interpretação, a partir da década de 1970, entendida como uma nova abordagem. Um campo que vem crescendo consideravelmente, pelo fato de interessar-se pelos sujeitos produtores e receptores da cultura e sobre o conceito de cultura, existe um conjunto de variedades que norteiam os estudos culturais¹⁸⁸. Os elementos da história cultural e sua sobrevalorização vêm predominando no campo historiográfico e a partir da nova história cultural algumas noções de cultura possibilitaram um melhor diálogo em relação ao tema aqui apresentado.

Nesse trabalho destacamos a variedade referente às práticas culturais, que são os comportamentos, atitudes, visões de mundo, entre outras, da sociedade; e sobre as representações, entre elas o estudo sobre o cotidiano e práticas educativas. Tomamos como conhecimento que as práticas e as representações da sociedade estudada se correlacionam ao meio em que vivem e ao meio social a que pertencem.

Ao trabalhar as práticas culturais dos cidadãos remigenses e sobre as suas representações, mostramos como eram as suas manifestações culturais na cidade. Assim, utilizamos os conceitos de práticas e representações do historiador francês, vinculado à historiografia francesa, Roger Chartier (1990), em seu livro “A História Cultural entre práticas e representações”, para construir uma história escrita desse lugar, por compreender o reconhecimento das práticas de apropriação cultural como formas diferenciadas de interpretação.

Esse autor reflete sobre diversas questões e propõe um conceito de cultura enquanto prática. Desse modo, consideramos que a cidade estudada permite compreender um conjunto de práticas e a S.A.E.R exerce as representações simbólicas e materiais. Portanto, para Chartier a cultura deveria ser examinada tomando-se como referência as práticas sociais que geram as representações dos sujeitos envolvidos em determinado contexto.

¹⁸⁸ Sobre os conceitos de Cultura no campo teórico historiográfico com contribuição antropológica, ver: Burke, Peter. **O que é História Cultural?** Trad. Sergio Goes de Paula 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 2008; GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**; Tradução de Vera Mello Joscelyne. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

De acordo com Chartier, a história cultural deve ser entendida como uma perspectiva para identificar “o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada e dada a ler.” (CHARTIER, 1990, p.17). Segundo o autor, trata-se de compreender como o objeto histórico é produzido, em determinado contexto histórico, permitindo aos pesquisadores a ter um olhar mais direcionado no que diz respeito à sociedade e suas formas de representação do mundo social, portanto, preocupa-se em explicar que as percepções/representações não são discursos neutros, pois

[...] produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. [...]. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio. (CHARTIER, 1990, p.17)

Essas representações que são resultado de determinadas motivações e necessidades sociais, possibilitando novas perspectivas de estudo para a historiografia cultural. Nessa escrita, as representações nos ajudam a compreender o espaço urbano e os espaços da S.A.E.R., além do espaço citadino da sociedade remigense, no que diz respeito às vivências e sociabilidades, onde os indivíduos constroem a realidade do passado.

Dando ênfase aos aspectos da vida sociocultural, destacamos a contribuição do historiador e filósofo Michel de Certeau (1994), a partir dos interesses que esse historiador tem pelos sujeitos produtores da cultura. Suas considerações nos ajudam a pensar como esse espaço interferiu na vida dos seus frequentadores que transformam em um lugar de aproximações, podendo ser compartilhadas suas vivências e experiências. As pessoas compartilham o cotidiano com a cidade que já é sua permanente e móvel exposição, onde há mil modos de vestir-se, de circular, de decorar, de imaginar e as práticas dos habitantes criam, no próprio espaço urbano, uma multitude de combinações possíveis entre lugares antigos e também de situações novas. (CERTEAU, 2013, p.199)

De fundamental importância para a escrita desse trabalho historiográfico é o uso das fontes, as quais contamos com fontes documentais, impressas e relatos orais de memória. Destacamos alguns relatos orais de memória de alguns moradores de Remígio e





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

também de pessoas que estiveram presentes na inserção dessa instituição na cidade e participaram ativamente, para entender como algumas pessoas que vivenciaram a época em estudo, se apropriavam e compartilhavam suas práticas culturais e sociais. O trabalho com oralidade humana nos apresenta algumas limitações ao utilizá-las enquanto fonte documental, pois ao resgatar lembranças a partir da memória dos depoentes, há uma tentativa constante de construção de uma narrativa coerente acerca do lugar e do momento experimentados.

A história oral, enquanto metodologia de pesquisa, proposta pela historiadora Verena Alberti em seu livro intitulado *Manual de História Oral*, nos ajuda a valorizar a riqueza da oralidade para o estudo das representações do passado. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente. (ALBERTI, 2015, p.155) E é no ato de narrar dos nossos colaboradores que a produção da memória tem um papel fundamental por ordenar e dar inteligibilidade ao mundo que viveram

Através de nossas fontes buscamos informações sobre o funcionamento dessa sociedade enquanto um espaço destinado ao amparo, ajuda e orientação ao estudante da cidade de Remígio, mas que ao mesmo tempo existia condicionamento, disciplinarização, bem como um espaço destinado ao lazer e diversão a boa parte da população.

Apresentamos como era o funcionamento da S.A.E.R. no cotidiano da cidade de Remígio, enquanto espaço de amparo aos estudantes e recreativo para os sócios, como ela estava organizada, as atividades que promoviam e que poderiam variar entre: bailes, jogos, desfiles, cursos e espaço de diversão. Discutir as obrigações e direitos dos sócios que possuíam e explorar algumas formas de participação na administração da sociedade remigense.

Através da criação dessa instituição, no seio das elites políticas da cidade de Remígio, a S.A.E.R.¹⁸⁹ logo assumiu um caráter de amparo, apoio e ajuda aos estudantes da própria cidade. No final da década de 1950 Remígio passava por um processo emancipatório e organizava aos poucos os serviços públicos de utilidade à população. No

¹⁸⁹ Reconhecida de utilidade pública pela Lei Estadual nº 1963 de 26 de janeiro de 1959.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

caso das escolas, se restringia a duas ou três, com ensino primário e para dar continuidade aos estudos, alguns pais de família matriculavam seus filhos em outras cidades, caso contrário as crianças e jovens eram obrigados a trabalhar com seus pais.

Os fundadores da instituição filantrópica, pensando na possibilidade de amparar os estudantes remigenses, nesse quesito de oferecer educação, fundaram a Sociedade e colocaram em prática alguns quesitos relacionados à educação, principalmente no que se refere ao prosseguimento nos estudos após a conclusão do curso primário, que era o único oferecido na cidade de Remígio. Tinha uma diretoria que era renovada de dois em dois anos e tinha um quadro de associados que juntos trabalhavam para sua funcionalidade.

A princípio observamos na Ata¹⁹⁰ do dia em que foi oficialmente criada a S.A.E.R., os sócios fundadores determinaram que o objetivo da sociedade seria proporcionar “amparo, ajuda e orientação” ao estudante remigense, tendo em vista a dificuldade de continuar os estudos após o término do ensino primário. Sobre a escolha do nome dessa sociedade, podemos inferir a ligação que a sociedade desejava ter com os estudantes e também com o local onde foi fundada.

O artigo busca compreender os significados desse espaço para seus frequentadores, no ensejo do convívio entre iguais e na construção de uma rede de sociabilidade e diversão. Esse espaço que reunia pessoas para o lazer, a transmissão de conhecimento, troca de ideias, encontro de negócios e discussões políticas, possibilitando a criação de laços de amizade, negócios e matrimoniais, permitindo construir as redes de relações e poder.

Muitos foram os serviços oferecidos pela S.A.E.R. para os estudantes e, como nos informa o estatuto e nossos colaboradores, a sociedade distribuía bolsas de estudos aos estudantes carentes e possuía um transporte que levava os estudantes para instituições educacionais na cidade de Areia. Assim, a S.A.E.R. buscava auxiliar alguns estudantes para acompanhar a aprendizagem e o seu desempenho. Os recursos eram obtidos por meio de uma verba do governo federal, bem como da contribuição mensal de cada sócio e/ou

¹⁹⁰ Ata de Fundação e Estatuto da Sociedade de Amparo ao Estudante de Remígio (S.A.E.R.) em 10 de novembro de 1958.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

doações, assim, procuravam auxiliar e amparar os estudantes, embora na prática isso não acontecesse a todas as crianças e jovens do lugar.

A educação ofertada para os estudantes esteve relacionada ao lazer e à produção cultural da cidade, pois o lazer visto enquanto descanso e divertimento, além do desenvolvimento pessoal e social que o mesmo enseja. Assim, o lazer teria início com o processo de escolarização formal, pois a S.A.E.R. surge para que os estudantes pudessem desfrutar de jogos e brincadeiras, os quais deveriam estar associados à educação, e a sociedade e as autoridades públicas, supostamente, se esforçavam para dar-lhes este direito.

Para manter o bom funcionamento e o controle de tudo o que acontecia na S.A.E.R., os responsáveis pelo funcionamento da mesma organizavam os alunos por fichas, contendo as informações necessárias para acompanhar o desempenho e a frequência do aluno. De acordo com as fichas estudantis que encontramos, os(as) alunos(as) matriculados(as) na S.A.E.R. tinham entre seis a vinte e cinco anos de idade, com a possibilidade de haver, em outras fichas, mais alunos com idade acima dos vinte e cinco anos. Há oito fichas do sexo feminino e onze do sexo masculino. A maioria dos estudantes atendidos pertenciam ao Ginásio Santa Rita (nove), em segundo momento ao Ginásio Coelho Lisboa (seis). Existiam também instituições como o Grupo Escolar Álvaro Machado e a escola infantil São Tarcísio, ambos localizados na cidade de Areia.

As escolas ofereciam o ensino secundário, dividido em duas fases: o Ginásial que correspondia da primeira à quarta série, com duração de quatro anos, destinado a dar aos adolescentes os elementos fundamentais do ensino secundário; e o Secundário com os cursos clássico e o científico, cada qual com a duração de três anos, que tinham por objetivo consolidar a educação ministrada no curso ginásial. Quando o (a) aluno (a) deixava esta sociedade, muitas vezes havia concluído o Ginásial e prosseguia no Ginásio Santa Rita, no curso Pedagógico ou Assistência Social ou na Escola de Agronomia do Nordeste¹⁹¹ no curso Agro técnico.

¹⁹¹ Atual Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Campus II.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

Os responsáveis pelo funcionamento da instituição estabeleciam ordem, disciplina, regras aos estudantes que faziam parte dessa sociedade. Os estudantes remigenses que estudavam na cidade de Areia, envolviam-se nas atividades culturais que eram promovidas pela S.A.E.R. Mesmo o espaço funcionando, inicialmente, em uma casa, os estudantes contavam com uma pequena biblioteca, sala de jogos, radiola, campo de futebol para os jogos dos meninos, mesa de pingue pongue, entre outros equipamentos. A ex-aluna da S.A.E.R. Maria do Carmo Henriques Meira nos conta sobre como os estudantes utilizavam esse espaço:

Pra estudar e fazer pesquisa, algumas vezes usávamos, porque nós tínhamos alguns livros, não era uma biblioteca grande, mas era uma pequena biblioteca, mas era boa, nós frequentávamos, tinha mesas lá, tinha uma radiola para se fazer, naquele tempo se chamava Assustados. Os estudantes, pronto, no dia dos estudantes era uma folia muito grande, jogos nós organizávamos, fazíamos jogos de baleada para as meninas, o campo de futebol era para os rapazes. Tudo isso existia, era coisa maravilhosa.¹⁹²

Os alunos para ter acesso à educação na cidade de Areia, precisavam de transporte para conduzi-los, tendo em vista, que nesse tempo as condições de deslocamento para outras cidades demandavam certas condições financeiras. Portanto, no início a S.A.E.R. auxiliava nesse quesito e ajudava no transporte até a cidade de Areia, por meio de um carro Kombi, conduzindo os primeiros estudantes da S.A.E.R.

Posteriormente, o meio utilizado para levar os alunos era através de um ônibus que foi adquirido pelo Projeto de Lei 433/1959 do Deputado Luiz Bronzeado (UDN/PB). Segundo a Ementa o Poder Executivo autorizou a abrir, pelo Ministério da Educação e da Cultura, o crédito especial de Cr\$ 1.200.000,00, para atender à despesa de aquisição de um ônibus pela Sociedade de Amparo ao Estudante de Remígio.¹⁹³ Assim constam dos artigos do projeto:

Art.1º É concedida à “Sociedade de Amparo ao Estudante de Remígio”, (SAER), com sede na cidade de Remígio, Estado da Paraíba, o auxílio especial de Cr 1.200.000,00 (um milhão e duzentos mil cruzeiros) para atender à despesa

¹⁹²Maria do Carmo Henriques Meira. Entrevista concedida a autora no dia 04 de janeiro de 2018.

¹⁹³Brasil.CâmaradoDeputados.Disponívelem:http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegracao?jsessionid=5866298D2AE950B1AFA60D033DF2C31B.proposicoesWeb2?codteor=1206481&filename=Avulso+-PL+433/1959, página 3. Acesso no dia 15 de junho de 1959.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

(sic.) de aquisição de um ônibus, para cumprimento de sua finalidade educacional.

Art.2º Para ocorrer à despesa (sic.) de que trata o artigo anterior, fica o Poder Executivo autorizado a abrir, pelo Ministério da Educação e Cultura, o crédito especial de Cr 1.200.000,00 (um milhão e duzentos mil cruzeiros), que será automaticamente registrado pelo Tribunal de Contas da União e distribuído à Delegacia Fiscal do Tesouro Nacional no Estado da Paraíba.

Art. 3º Esta lei entrará em vigor na data da sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Sala das Sessões, 8 de junho de 1959.¹⁹⁴

Em documento emitido na Câmara dos Deputados em 1959, foram feitas solicitações para adquirir o ônibus e como justificativa, um dos fundadores dessa sociedade e então Deputado Luiz Bronzeado, usou dos seguintes argumentos:

Na pequena e humilde cidade de Remígio, no Estado da Paraíba, intentou-se uma experiência nova, no setor educacional: levar a uma cidade vizinha a mocidade estudantil da terra, na impossibilidade de se fundar e manter, no local, por ausência de elementos materiais e intelectuais, estabelecimentos de ensino adequados às necessidades culturais do meio. O plano é conduzir, diariamente, de ida e volta, à Cidade de Areia, - que dista apenas 12 quilômetros da de Remígio, - os estudantes desta última, de ambos os sexos, do curso secundário ou superior. CÂMARA DOS DEPUTADOS, 1959, p.5)

Durante muitos anos o ônibus da S.A.E.R. fez parte da história de muitas pessoas que utilizavam esse transporte para estudar em Areia, pois diante das dificuldades de deslocamento para estudar em outra cidade, o ônibus, considerado de grande importância para a época, foi responsável por contribuir na educação dos estudantes remigenses.

Existiam diversas atividades educativas que eram oferecidas aos jovens estudantes que frequentavam esta sociedade. Por meio da oralidade que nos chegaram pelos depoimentos concedidos, debruçamo-nos sobre os sujeitos atuantes desse período, junto à atuação no espaço do vivido. As atividades socioeducativas que eram realizadas no interior da S.A.E.R. estavam presentes na realização de diversos cursos, a exemplo do curso de datilografia, com duração de três meses, oferecido pela Prefeitura Municipal em

¹⁹⁴Brasil.CamaradosDeputados.http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=5866298D2AE950B1AFA60D033DF2C31B.proposicoesWeb2?codteor=1206481&filename=Avulso+-PL+433/1959,página 3. Acesso em 16/09/2017.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

parceria com o Senac, a professora era Rita de Cássia Cavalcante, e a mesma nos informa detalhes desse período:

Eu trabalhava na Prefeitura e dava aula. Eu trabalhava pela manhã na Prefeitura e de tarde e de noite eu dava aula na SAER. Era que eu me lembro mesmo, a tarde e à noite dava aula de datilografia na SAER. Que eu ensinei mesmo na SAER foi uma base assim de 64, 65 ou 66, mais ou menos assim.¹⁹⁵

Os "formandos" tinham direito, até, ao recebimento solene do certificado de conclusão, embora não tivesse nenhuma utilidade prática. Nessa época era importante fazer um curso de datilografia, principalmente entre os jovens, depois de terminar as aulas no Ginásio. Um curso que na maioria das vezes era imposto pelos pais, como parte da formação educacional e profissional. A senhora Rita de Cássia ainda recorda sobre a duração do curso

Era três meses. Três e as vezes até quatro meses, dependendo. Mas o certo era de três meses, era 90 dias de curso. Aí ensinava nesse tempo pela S.A.E.R. e pelo SENAI e pelo SENAC. Eles mandavam as bolsinha azul, por sinal ainda tenho uma, guardei uma bolsinha azul, foi a única coisa que eu guardei, foi a bolsinha azul.¹⁹⁶

Além do curso de datilografia também funcionou nesse clube, o Ginásio a noite, que era uma campanha de educandários gratuitos. Realizavam-se palestras, oficinas, quadrilhas juninas, instrução de banda musical, os escoteiros, com o professor Fernando Peixe¹⁹⁷ da cidade de Areia e apresentações teatrais com os alunos da S.A.E.R., com programações oferecidas para os pais dos estudantes, bem como os sócios. Assim nos conta Maria do Carmo Henriques Meira:

(...)Havia muitas reuniões, muitas. Assim vinham pessoas de fora, fazer o simpósio, fazer. Era muito bom, era muito bom. Lá na SAER existia os escoteiros, aí vinha de Areia, vinha Fernando Peixe, vinha de Areia, instruir os escoteiros daqui lá na SAER, era uma beleza! [...] E tem mais uma coisa, todos colaboravam com alguma coisa que a gente fosse fazer. [...] Se dissesse: “é uma peça teatral, você vai ser o anjo”, era o anjo e acabou-se a história, “você vai ser uma bruxa”, já era a bruxa e não tinha isso. Era todo mundo, um por todos e todos por um.

A S.A.E.R. é lembrada pelo amparo aos estudantes, bem como por suas frequentes festas e eventos sociais. Essas lembranças que fazem com que “as práticas dos habitantes

¹⁹⁵ Rita de Cássia Cavalcanti. Entrevista concedida a autora no dia 20 de abril de 2017.

¹⁹⁶ Rita de Cássia Cavalcanti. Entrevista concedida a autora no dia 20 de abril de 2017.

¹⁹⁷ Fernando Mota Peixe era professor e instrutor de bandas colegiais da cidade de Areia -PB





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

criam no próprio espaço urbano uma multitude de combinações possíveis entre lugares antigos e situações novas, ” (CERTEAU, 2013, p.199). É possível perceber a influência que essa sociedade exercia no meio sócio cultural da cidade de Remígio através dos desfiles cívicos realizados no dia 07 de setembro em comemoração à independência do Brasil, e como nos conta Maria do Carmo Henriques Meira

(...)a gente se envolvia no 7 de setembro, a gente formava o pelotão da SAER. Esse pelotão a gente escolhia um tema, o ultimo tema foi regiões brasileiras, então nós escolhemos o traje de cada região e fizemos o pelotão e saía. Foi lindo. [...] mas a SAER formava algum pelotão, um ou dois, mas que era maravilhoso era.¹⁹⁸

Os desfiles em comemoração à independência do Brasil, traz valores e práticas de normatização e harmonização e deveres para com a Pátria. As ações educativas da S.A.E.R. estavam voltadas para o grupo social que frequentava regularmente. A maioria dos sócios eram os pais dos estudantes, conseqüentemente havia distinção social, embora o estatuto mostrasse apoio e amparo aos estudantes pobres.

Com a chegada da S.A.E.R. mais mudanças foram sentidas, principalmente no setor educacional, pois era preciso uma instituição que não só servisse de lazer, mas que disciplinasse crianças e jovens estudantes e até mesmo as famílias. Algumas pessoas não sentiram a influência da S.A.E.R. e outras destacam a contribuição que a mesma teve na educação de alguns estudantes. Assim considera Maria do Carmo Henriques:

A educação de Remígio hoje ainda deve a algum resíduo da SAER. Foi tudo. A SAER foi tudo. Aquela leva de estudante que terminava o quarto ano primário, minha mãe preparava eles para o exame de Admissão e muitos prestavam o exame de admissão em Areia. A partir da SAER quem fazia o exame de admissão passou a cursar o primeiro ano ginásial em Areia, no colégio estadual ou então no colégio Santa Rita, quer dizer tudo isso foi uma ajuda muito grande.

A pesquisa foi possível para entender o funcionamento inicial de apoio aos estudantes, até meados da década de 1960. Muitas foram as pessoas que fizeram parte dessa sociedade voltada para o auxílio educacional e também um local específico para diversão e lazer. Portanto podemos considerar que em torno do objetivo que tinha a SAER

¹⁹⁸ Maria do Carmo Henriques Meira. Entrevista concedida a autora no dia 04 de janeiro de 2018.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

de amparar os estudantes, havia também um condicionamento para que as atividades realizadas fossem organizadas, disciplinadas, regulares e sistemática.

Portanto, é importante observar que a prática cultural junto com o apoio da educação para os jovens estudantes, possibilitava certo crescimento intelectual. As sociabilidades culturais nos permitem obter informações sobre os comportamentos socioculturais, bem como as representações ocasionadas pelo apoio educacional. Estes novos espaços de sociabilidade implicam a busca por novas formas de se viver, tendo um importante papel na construção de uma nova sociedade, principalmente pelo apoio aos jovens estudantes e a cidade é o lugar mais apropriado para que práticas referentes ao lazer e a educação possa se desenvolver e onde a produção cultural pode ser estimulada.

BIBLIOGRAFIA

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral.** 3ª edição. Rio de Janeiro: Editora: FGV, 2005.

Burke, Peter. **O que é História Cultural?** Trad. Sergio Goes de Paula 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 2008;

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer;** 18. Ed. Tradução de Epharim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

_____. **A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar;** tradução de Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. 12.ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações.** Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa;** Tradução de Vera Mello Joscelyne. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

SERAFIM, Péricles Vitório. **Remígio: Brejos e Carrascais.** João Pessoa. Editora Universitária. 1992.

